

A INTERTEXTUALIDADE EM "MORTE DO LEITEIRO" DE C. DRUMMOND DE ANDRADE

Edda Arzúa Ferreira *

Para J. Kristeva, o texto "é uma intertextualidade, uma permutação de textos; no espaço de um texto, vários enunciados, tomados a outros textos, se cruzam e se neutralizam. Todo texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos" (1). Entretanto, essa intertextualidade deve ser entendida como uma rede de conexões não só com outros textos, mas também, de conexões internas; é diálogo com outros textos e também consigo mesmo.

É importante notar que a primeira noção do fenômeno de intertextualidade aparece, implicitamente, em Bakhtine, quando este trata do "romance polifônico", caracterizado pela pluralidade de vozes irreduzíveis a uma "mediação unitária". Empreendendo o estudo da palavra em Dostoievski e de suas relações com as palavras de outros discursos, Bakhtine mostra como a palavra tende a ser bivocal (ou mesmo plurivocal), estabelecendo múltiplos contatos no interior do mesmo discurso ou com outros discursos (discurso dialógico) (2). Está aí, portanto, esboçada a teoria da intertextualidade, posteriormente desenvolvida e sistematizada nos trabalhos de Júlia Kristeva.

Kristeva procura explicar a intertextualidade através do que ela chama "contexto pressuposto": ou seja, os textos pressupõem várias classes de discursos, contemporâneos ou anteriores e se apropriam deles para confirmá-los ou recusá-los, mas de qualquer forma, para possuí-los; e de tal sorte que o corpus que precede o texto age como uma pressuposição generalizada. Assim, todo texto está sob a jurisdição de outros discursos que lhe impõem um universo: caberá ao texto transformá-los. Como decorrência, todo enunciado é, em relação ao texto (considerado como "prática significante"), um "ato de pressuposição" que age como impulsor de transformações. Entretanto, essas operações de pressuposição generalizada realizam conjuntos de enunciados de um texto, e também, conjuntos de enunciados de outros discursos que não estão presentes no texto. Este é, pois, uma "prática significante" e não um mero ato discursivo, visto que ele não se limita a produzir um efeito sobre o seu destinatário. Então, após haver explorado e generalizado o mecanismo de pressuposição, o texto torna-se, por sua vez, um *pressuposto* (3). Assim, o texto, enquanto prática significante, é fundado por uma escritura operadora de sentidos, mas um sentido que não pode ser encarado como origem do texto (não há "um sentido" para exprimir), nem como um fim: simplesmente, ele emerge do *processo* de produção textual, processo que deve levar em conta, ainda, as relações entre a existência e o texto, entre essas duas formas de intertextualidade e a escritura geral no jogo da qual elas se articulam (4).

* Dra. em Teoria Literária — USP
Professora na UFSC.

O texto tem, portanto, uma dupla direção: para o sistema significante no qual se produz e para o processo social do qual participa enquanto discurso. E no momento em que situamos a série literária no conjunto social — considerado como um conjunto textual — a intertextualidade passa a ter uma conotação ainda mais ampla: ela indicará o modo como o texto lê a História e nela se insere, de sorte que o modo concreto de realização da intertextualidade em um texto determinado, dará a característica maior de uma estrutura (social, econômica, etc.). Assim, em uma visão mais abrangente, estudar o texto enquanto intertextualidade significa pensá-lo no texto da sociedade e da história, pois sabemos que “o escritor não é o único suporte do texto: existe um texto no mundo, como no livro” (5).

Roland Barthes parece também, de certo modo, esposar essa noção de texto enquanto intertextualidade, visto que o define como “um tecido que é trabalhado através de um perpétuo entrelaçamento” (6). Entendemos que esse “entrelaçamento” implica o texto se fazendo através de relações *também* com outros enunciados de outros textos.

Por outro lado, a concepção do texto enquanto *jogo* indicia a intertextualidade (embora de modo não explícito), dado que considera esse jogo como uma tensão com a História, mas, também, como um jogo de ausência e presença (de elementos textuais). Segundo Jacques Derrida, o movimento da significação, no jogo ausência x presença, só é possível se cada elemento dito presente relacionar-se com algo que não seja ele próprio; ou seja, a “presença” é representação de alguma outra coisa que não seja ela mesma (7). Logo, trata-se de intertextualidade: dentro do próprio texto, do texto com outros textos literários e do texto com o texto da História (e da existência).

* A seguir, passaremos a investigar o fenômeno da intertextualidade, no poema “MORTE DO LEITEIRO”; ou seja, estudaremos o texto enquanto uma rede de conexões, de relações com outros textos literários, bem como com o texto da história e da sociedade; mas, ainda, como uma rede de conexões internas (relações entre enunciados dentro do próprio texto).

MORTE DO LEITEIRO

(Carlos Drummond de Andrade)

- 1 Há pouco leite no país,
- 2 é preciso entregá-lo cedo.
- 3 Há muita sede no país,
- 4 é preciso entregá-lo cedo.
- 5 Há no país uma legenda,
- 6 que ladrão se mata com tiro.
- 7 Então o moço que é leiteiro
- 8 de madrugada com sua lata
- 9 sai correndo e distribuindo

10 leite bom para gente ruim.
11 Sua lata, suas garrafas
12 seus sapatos de borracha
13 vão dizendo aos homens no sono
14 que alguém acordou cedinho
15 e veio do último subúrbio
16 trazer o leite mais frio
17 e mais alvo da melhor vaca
18 para todos criarem força
19 na luta brava da cidade.
20 Na mão a garrafa branca
21 não tem tempo de dizer
22 as coisas que lhe atribuo
23 nem o moço leiteiro ignaro
24 morador na Rua Namur,
25 empregado no entreposto,
26 com 21 anos de idade,
27 sabe lá o que seja impulso
28 de humana compreensão.
29 E já que tem pressa, o corpo
30 vai deixando à beira das casas
31 uma apenas mercadoria.
32 E como a porta dos fundos
33 também escondesse gente
34 que aspira ao pouco de leite
35 disponível em nosso tempo,
36 avancemos por esse beco,
37 peguemos o corredor,
38 depositemos o litro...
39 Sem fazer barulho, é claro,
40 que barulho nada resolve.
41 Meu leiteiro tão sutil
42 de passo maneiro e leve,
43 antes desliza que marcha.
44 É certo que algum rumor
45 sempre se faz: passo eirado,
46 vaso de flor no caminho,
47 cão latindo por princípio,
48 ou gato quizilento.
49 E há sempre um senhor que acorda,
50 resmungando e torna a dormir.
51 Mas este acordou em pânico
52 (ladroes infestam o bairro),
53 não quis saber de mais nada.

54 O revólver da gaveta
55 saltou para sua mão.
56 Ladrão? se pega com tiro.
57 Os tiros na madrugada
58 liquidaram meu leiteiro.
59 Se era noivo, se era virgem,
60 se era alegre, se era bom,
61 não sei,
62 é tarde para saber.
63 Mas o homem perdeu o sono
64 de todo, e foge pra rua.
65 Meu Deus, matei um inocente.
66 Bala que mata gatuno
67 também serve pra furtar
68 a vida de nossa irmão.
69 Quem quiser que chame médico,
70 polícia não bota a mão
71 neste filho de meu pai.
72 Está salva a propriedade.
73 A noite geral prossegue,
74 a manhã custa a chegar,
75 mas o leiteiro
76 estatelado, ao relento,
77 perdeu a pressa que tinha.
78 Da garrafa estilhaçada,
79 no ladrilho já sereno
80 escorre uma coisa espessa
81 que é leite, sangue... não sei.
82 Por entre objetos confusos,
83 mal redimidos da noite,
84 duas cores se procuram,
85 suavemente se tocam,
86 amorosamente se enlaçam,
87 formando um terceiro tom
88 a que chamamos aurora.

In: A ROSA DO POVO (1943-1945).

São por demais evidentes as *relações intertextuais* no poema em questão:

1. Por se tratar de um poema narrativo ele aponta, de imediato, para uma primeira forma de intertextualidade: o cruzamento, a rede de conexões entre dois textos literários — narrativa e poema, cujos textos específicos entrelaçam-se, continuamente, transformando-se em um todo indissolúvel (o texto) (8).

A narrativa conta-nos uma história vivenciada por uma personagem do cotidiano, situada em um tempo e em um espaço determinados. Essa personagem, caracterizada acima de tudo como um atuante, age, no entanto, de modo rotineiro, automático, o que vale dizer: suas ações são despidas de qualquer consciência pessoal das mesmas. Como decorrência, essa consciência, bem como a percepção dos acontecimentos e do universo narrados nos são dadas, unicamente, através do narrador. Mas, embora este seja um narrador extradiegético, a narração não é totalmente impessoal, "neutra", pois que o *eu* — sujeito da anunciação narrativa — várias vezes assume, explicitamente, a estória (quer através da narração interventiva, quer da restritiva).

Essa estória chega até nós, não através de um texto em prosa, mas através de uma organização métrico-rítmica; e assim, dois textos, o narrativo e o poético, tecem incessantemente o texto — "Morte do Leiteiro".

O poema, por sua vez, é composto por oito estrofes que apresentam um número irregular de versos (que variam de seis a quinze).

Embora escrito em versos brancos, a sonoridade desse poema é extremamente bem trabalhada, através das *repetições* (1ª e 6ª estrofes, por exemplo), das *assonâncias* (inclusive, com rimas internas, como se pode observar nos versos 8, 11-12, 66 e 78), e sobretudo, das *aliterações recorrentes* em todo o poema e que lhe conferem um alto grau de sonoridade, como por exemplo: "Sua lata, suas garrafas / seus sapatos de borracha / vão dizendo aos homens no sono..." (v. 11-13).

O esquema métrico-rítmico — que em princípio poderia ser fundado em uma tonicidade mais próxima da tonicidade da prosa (visto que se trata de um poema narrativo) — é, também, rigorosamente poético: há uma oscilação entre metros octossílabos e redondilha maior (dominante no poema); isto, ao mesmo tempo que neutraliza o perigo de um certo ritmo "discursivo" do texto leva-o, paradoxalmente, para mais perto da cotidianidade da estória narrada, pois sabemos que a redondilha maior tem o ritmo característico dos poemas (e canções) populares.

Também no que diz respeito à linguagem, encontramos, simultaneamente, a linguagem direta, objetiva (própria do discurso narrativo) e entrelaçada com esta, a linguagem figurada, poética (embora contida, de certa forma): "Sua lata, suas garrafas" ... / vão dizendo aos homens..." (v. 11-13; "E já que tem pressa, o corpo / vai deixando à beira das casas..." (v. 29-30); "O revólver da gaveta / Saltou para sua mão." (v. 54-55). Isto sem falar na linguagem sugestiva — aquela que diz não-dizendo, ou que diz muito mais do que, aparentemente, parece dizer — por exemplo, o v. 72: "Está salva a propriedade."

O que indicamos até agora, aponta uma das formas possíveis de intertextualidade, da qual resulta o texto — que não é "estória", nem "organização rítmica" — mas *um todo* produzido pelo entrelaçamento desses dois textos literários. Nesse sentido, pode-se falar de intertextualidade — de "Morte do Leiteiro" com todos os poemas narrativos da literatura universal.

2. A intertextualidade pode ser encontrada, ainda, entre textos desse poema e outros similares de Carlos Drummond de Andrade, notadamente: "Caso do ves-

tido" e "Os dois vigários" (além de outros). O aspecto temático destes poemas não se prestaria, evidentemente, para a instauração da intertextualidade em "Morte do Leiteiro" (e vice-versa). Mas, esta se evidencia no que diz respeito ao "tom" anti-sentimental, não-idealista e amoral dos mesmos; e sobretudo, quanto à constante luta do poeta-narrador entre objetividade vs idealização, marcante nos textos em pauta. Além disso, no aspecto formal, os versos em redondilha maior acentuam o caráter nitidamente cotidiano, popular que marcam os enunciados dos textos apontados, bem como "Morte do Leiteiro".

3. A intertextualidade "interna", ou seja, uma espécie de diálogo (quase um duelo) entre enunciados no interior do poema, é também evidente. Assim, vemos enunciados contundentes, referenciais (objetivos) entre-cruzarem-se com enunciados de acentuada idealização. Por exemplo:

— Enunciados contundentes: "Há pouco leite no país... / Há muita sede no país... / Há no país uma legenda, / que ladrão se mata com tiro." (v. 1, 3, 5-6) e outros.

— Enunciados referenciais: "... O moço leiteiro / morador na Rua Namur, / empregado no entreposto / com 21 anos de idade ..." (v. 23-36), etc.

— Enunciados marcados por uma evidente idealização: "Sua lata, suas garrafas / seus sapatos de borracha / vão dizendo aos homens ... / ... o leite mais frio / e mais alvo da melhor vaca / para todos criarem força / na luta brava da cidade." (v. 11-19).

Ora, estes (e muitos outros enunciados) atravessam o poema, em um confronto permanente (através de avanços e recuos), no qual os textos da realidade obliteram, de certa forma, aqueles resultantes da idealização poética.

4. Outro modo de intertextualidade, em "Morte do Leiteiro", é a que se observa entre o texto literário e o texto da realidade social (9). Assim, podemos indicar, na leitura do texto em questão, a inserção de textos de ordem econômica e social (e até política...) que, simultaneamente, neutralizam-se e se afirmam absorvidos *no* e *pelo* todo (o texto literário como tal), instaurando o que chamamos o seu contexto. Vejamos:

— a defasagem entre a escassez do produto (o leite) e a grande clientela implica, necessariamente, uma (super) valorização do primeiro;

— o exercício da profissão (leiteiro), tal como é descrito no poema, caracteriza o texto de uma sociedade com um nível de tecnologia ainda não sofisticada e em fase incipiente de industrialização (hoje, o leite é "beneficiado", embalado e distribuído por grandes empresas de tendência monopolizante);

— a marginalização (ladrões infestam o bairro) indica problemas de um determinado texto sócio econômico;

— uma espécie de consenso sobre a validade do crime, desde que se trate de eliminar indivíduos que perturbem a "ordem social" — "ladrão se mata com tiro"

— mostra o texto de uma sociedade marcada pela insensibilidade em face do humano e com uma visão anacrônica e subversiva de Justiça;

— mas, sobretudo o primado da propriedade (e a conseqüente desvalorização da vida e do trabalho anônimos) permite-nos inferir o texto da reificação e da alienação do homem na sociedade capitalista (v. 7-15, 29-31, 56, 72).

Por tudo o que vimos até aqui, podemos concluir que o fenômeno da intertextualidade, em "Morte do Leiteiro", é indiciador de ambigüidades: em primeiro lugar, trata-se de um texto narrativo em verso; por outro lado, esse texto, ao mesmo tempo que está interligado a textos similares do próprio autor (e até da tradição literária), é atravessado por textos da História do nosso tempo, mais especificamente, pelos textos da cotidianidade; como decorrência, resulta inquestionável a ambivalência desse poema narrativo de Drummond de Andrade.

Essa ambigüidade resulta, ainda, não apenas da própria natureza da função poética da linguagem, mas, até mesmo de sua função referencial. O verso 72 — "Está salva e propriedade" — nos parece o ponto alto do poema, pela sutileza com que o poeta joga com as palavras; a ordem inversa é altamente significativa... e é interessante observarmos que o sujeito gramatical deste enunciado é um objeto, objeto este que é salvo à custa de uma vida humana... Mas, este verso é aparentemente referencial, pois, na verdade, ele ilustra o jogo de ausência e presença, de que nos fala Derrida, visto que "a presença de qualquer elemento é sempre uma referência signifiante e substitutiva inscrita num sistema de diferenças e o movimento de uma cadeia" (10). Ora, a presença deste enunciado no poema tem um caráter substitutivo, um estatuto de suplementaridade, pois que enquanto elemento de um todo, "ocupa uma eventual posição de referência sempre passível de des-locação", ou seja, a sua presença aponta para a ausência de uma significação fixa, privilegiada. E daí, a atividade interpretativa vai resultar incompleta, nunca pretendendo esgotar o sentido do objeto-texto na sua totalidade (11).

Tendo em vista a impossibilidade de apreensão de um texto na sua totalidade, após indicarmos os elementos que configuram a intertextualidade no poema — "Morte do Leiteiro", arriscamo-nos a dar-lhe ao menos "uma" interpretação (que não exclui muitas outras possíveis): parece-nos que nesse poema, Carlos Drummond de Andrade quer, simplesmente, comunicar e representar a morte de um leiteiro comum, cujo sangue, certamente, não salvará coisa alguma (a não ser a propriedade), nem abalará as estruturas sociais... E essa representação objetiva, seca, despida de idealizações e de mascaramentos foi feita, sem dúvida alguma, através de uma exercitação lógica intensa (12), marcada por uma grande densidade poética.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS E EXPLICATIVAS

- (1) A teoria da intertextualidade aparece em vários estudos de Júlia Kristeva, como:
- Problèmes de la structuration du texte. In: FOUCAULT, Michel et alii. *Théorie d'ensemble*. Paris, Seuil, 1968. (Col. TEL QUEL), p. 297-316.
 - "Sémanalyse et production du sens". In: GREIMAS, A.J. e outros. *Éssais de sémiotique poétique*. Paris, Larousse, 1972. p. 207-234.
 - "Le contexte pressupposé". In: — KRISTEVA, Júlia. *La révolution du langage poétique*. Paris, Seuil, 1970. p. 337-358.

E na obra:

- *Recherches pour une sémanalyse*. KRISTEVA, Júlia. Paris, Seuil, 1969. (COL. TEL-QUEL). p. 7-26 e 174-245.
- (2) BAKHTINE, Mikhail. "Le roman polyphonique de Dostoievski et son analyse dans la critique littéraire". In: *La poétique de Dostoievski*. Paris, Seuil, 1970. p. 31-81.
- (3) Ver o capítulo — "Le contexte pressupposé". op. cit. p. 337-358.
- (4) KRISTEVA, Júlia. "Poésie et négativité". In: *Recherches pour une sémanalyse*. op. cit. p. 246...
- (5) HEATH, Stephen. *Vertige du déplacement (Lecture de Barthes)*. Paris, Fayard, 1974. p. 140 e segs.
- (6) BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1973. p. 100-101.
- (7) DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971. (Debates/49). p. 244 e segs.
- (8) O gênero épico é, de certa forma, representativo de intertextualidade.
- (9) O texto entendido como "um produto decifrável e trabalho transformador" não se encontra apenas nos livros: há, também, texto na sociedade, na história, no mundo.
- (10) SANTIAGO, Silviano e outros. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1976. p. 71.
- (11) Idem, ibidem. p. 12.
- (12) A este respeito, é importante voltarmos às próprias palavras de Drummond de Andrade em — "A coisa simples" (In: — *Confissões de Minas / Caderno de notas*, 1943-1944): "Certos espíritos dificilmente admitem que uma coisa simples possa ser bela, e menos ainda que uma coisa bela é, necessariamente, simples, em nada comprometendo a sua simplicidade as operações complexas que foram necessárias para realizá-la. Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente; que foi preciso eliminar todo elemento de brilho e sedução formal (coisa espetacular), como todo resíduo sentimental (coisa comovedora), para que somente o essencial permanecesse ...".